

MARXISMO, ADEUS

Paulo Derengoski

Em 1983 faz cem anos — atenção: um século ! — que Karl Marx morreu...

Neste período o mundo mudou muitíssimo...

A Europa de 1883 tinha apenas algumas cidades com mais de cem mil habitantes. As primeiras ferrovias recém tinham sido inauguradas. Ainda não haviam sido inventados o automóvel, o avião, o telefone, a Coca Cola, etc., etc.

Nesse longo e turbulento período de um século jamais a humanidade sofreu tantas modificações. E no entanto, nesse vasto tempo, nenhuma revolução de tipo “proletário” foi feita em qualquer país desenvolvido do mundo, como ousara profetizar Marx. Os países ditos “socialistas” de hoje — a URSS, a Polônia ou a Iugoslávia — importam empresas capitalistas multinacionais — como a Fiat — para poder desenvolver sua indústria pesada. Os marxistas modernos, como o italiano Eugenio Peggio, já admitem que não se pode ser contra o lucro, mas apenas contra a “acumulação inoperante de capital”. E que o desenvolvimento das sociedades modernas não pode e nem deve ser dirigido pelo Estado.

Um fato: todos os países apontados por Marx como passíveis de dar início a uma “transformação revolucionária da sociedade”, não o fizeram. E mais: os trabalhadores desses países nada têm a ver com aquele “aglomerado de indivíduos sem esperança, expostos aos tormentos das crises”, mas são hoje um poderoso elemento organizado, formador da sociedade como um todo. Muitos países se transformaram em sociais-democracias, caracterizadas pelo compromisso no que se refere à ordem econômica e pelo diálogo democrático no que se refere ao poder político. Com o ingresso possível, neste vasto clube capitalista, de países que se deixaram atrasar historicamente: o chamado “Terceiro Mundo”, que abriga povos tão diferentes como os sauditas e os paraguaios...

O marxismo subestimou o processo de transformação que varre as sociedades contemporâneas e que atinge desde a burguesia industrial, que aos poucos perde seu poder outrora incontestável, até o amplo espectro dos assalariados. Os trabalhadores, favorecidos por leis e condições econômicas formaram organizações abertas que defendem seus interesses e passaram a gostar da palavra “democracia” e através do sufrágio universal seus partidos aprenderam a aferir sua própria força — o

sentimento das massas levando muitas vezes a camada dominante a abandonar posições insustentáveis.

A recusa da democracia, aliás, põe em ação um mecanismo infernal que resulta da necessidade de mostrar que a oposição é “contra-revolucionária” e, portanto, deve ser esmagada.

O “liberalismo organizador” do mundo de hoje caracteriza-se pela alta flexibilidade e pela capacidade de mudança. Ele adotou a tese clássica de Bernstein, para quem o “movimento era tudo e a meta final nada era”. E, neste sentido, o operariado dos países avançados na produção — Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, França, Bélgica etc. — deram apoio à política puramente reformista da social-democracia. E sempre que uma reivindicação econômica pôs em risco os princípios liberais, a social-democracia soube afastá-la, aplicando a democracia à totalidade da vida social.

Não há catástrofe iminente. E os que passam a vida anunciando “crises finais” que não chegam, podem ir tirando o cavalo da chuva. O conflito político é sempre um conflito de circunstância. A própria classe dirigente pós-capitalista é circunstancial, porque comporta tecnocratas, burocratas, políticos, grupos de veto, e principalmente porque os partidos políticos podem ser derrotados nas eleições. Hoje, as “elites” de direção, tanto são agentes como objeto das mudanças.

A violência do conflito de classe diminuiu. Com a mobilidade social e o processo democrático de tomada de decisões, a privação total foi substituída por uma privação relativa, e até por uma satisfação relativa. Mesmo na URSS, que é o país socialista mais antigo, a interpenetração móvel de classes — trabalhadores urbanos, campesinato rural e burocracia — dificilmente será superada.

A visão marxista de um papel messiânico para os trabalhadores ou a afirmação de que a sociedade capitalista “seria a última sociedade de classes da história” é hoje sociologicamente absurda e significa uma desvalorização da Sociologia em benefício das duvidosas leis dialéticas de estruturas filosóficas.

Nenhuma revolução de tipo proletário alcançou êxito em qualquer país capitalista avançado e as revoluções ditas “marxistas” só venceram em países de extração camponesa, governados sempre por sistemas autoritários de governo.

Hoje, as empresas transnacionais deram uma nova estrutura à economia mundial, com resultados ainda imprevisíveis. O seu crescimento, gostemos ou não, decorre dos imperativos da tecnologia moderna, da inovação dos métodos industriais e da complexidade de interpenetração dos mercados internacionais, onde o capitalista clássico pode ser alienado da produção, substituído pelo funcionário sem capital, que o administra,

quebrando a homogeneidade de dominação. No próprio mundo socialista surgiu uma hierarquia de cientistas, de burocratas, colocando no ápice daquele universo uma minoria que domina em nome da cultura e do saber.

Os marxistas clássicos parecem aceitar só — e tão-somente — dois sistemas: o capitalismo e o socialismo, e a existência de duas classes: o proletariado e a burguesia. Não enxergam o fato de que o Estado moderno, tendo alcançado a independência e revelado um imenso poderio, pode submeter forças sociais e compeli-las a servir a seus próprios propósitos, criando a “economia estatal totalitária”.

Desde Marx, o capitalismo organizado se abriu num leque de, pelo menos, três cores: a interpenetração do Estado com a economia, a moderna evolução das formas de propriedade privada e social e a organização progressiva do mundo multicefálico do trabalho. E ainda restam muitos dados novos, que aqui não caberiam, como a acentuada divisão do trabalho científico dos dias de hoje, o desgaste da linguagem manipulada por máquinas de propaganda e a diminuição do fato escrito como consequência da proliferação dos meios eletrônicos de divulgação...

Apesar de não ter sido confirmada pela história a missão messiânica que Marx atribuiu ao proletariado, o problema é que a força dos mitos é imensa e tal teoria continuará a ser sustentada ainda por muito tempo, enquanto houver quem dela possa tirar sustento. Os pensadores sociais de hoje terão que reformular os conceitos de Marx que se baseiam na “luta de classes inevitável”, que são reflexos de uma época que morreu. Uma época em que ainda não se conhecia a técnica da reforma social.

O erro de Marx foi ter colocado uma ênfase demasiada nos elementos decadentes e destrutivos da sociedade que exerce o domínio, o capitalismo no caso. Nesse sentido incorreu em pessimismo exagerado. E, ao contrário, foi otimista demais ao supor que uma vez suprimidas certas instituições, automaticamente surgiria uma sociedade melhor, que produziria personalidades humanas melhores do que as anteriores.

Cento e trinta e quatro anos após a publicação do **Manifesto**, nada indica que estejamos caminhando em direção a uma sociedade sem classes. A Inglaterra de 1848 contava apenas oito cidades com população superior a cem mil habitantes. A França com cinco. A Alemanha com quatro. As primeiras ferrovias datam dessa época. Os navios a vapor superaram os veleiros apenas a partir de 1895. O telégrafo (Morse) só apareceu em 1837. Naquela época uma greve de operários armados com porretes seria reprimida por soldados com... porretes. Hoje, contra os mesmos porretes seriam empregados helicópteros com mísseis, computadores e gases hilariantes...

Estamos longe da sociedade capitalista de 1848. Muito longe daqueles cuja missão, na visão messiânica de Engels, era “derrubar e

substituir a burguesia por meio de uma crescente luta e homogeneidade”. Como observa Cornelius Castoriadis, como poderiam massas famintas constuir uma sociedade nova ? Poderiam, numa situação extrema, destruir o poder existente, mas nem o desemprego e nem a miséria lhes teria ensinado a dirigir a produção ou a sociedade. O fato é que as conquistas de caráter reformista tomaram a dianteira diante das lutas de caráter puramente revolucionário. Não por acaso, os mais poderosos movimentos sindicais do mundo de hoje se encontram em países como a Itália, a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, onde os chamados “revolucionários” são microfacções e grupúsculos insignificantes.

Por tudo isso, no centenário da morte do velho Marx, ousou contradizer Sartre, o sempre jovem Jean-Paul, e afirmar: **Le marxisme n'est pas la vérité...**

(De **Letras & Livros**, nº 71, 15 de janeiro de 1983; suplemento cultural do **Correio do Povo**, de Porto Alegre, RS.)

*